A elegância de não ser igual

Larry Carvalho (*)

Tenho viajado bastante nos últimos meses e, entre uma reunião e outra pela Europa, comecei a prestar atenção em algo que me incomoda cada vez mais: o fato de estarmos ficando parecidos demais.

Sempre gostei de viajar pela possibilidade de encontrar o que é diferente. Quando vou a Paris, quero encontrar o parisiense. Quero ouvir a maneira como ele conversa, entender sua relação com a cidade, experimentar um restaurante que tenha algo de genuinamente francês. Em Londres, quero encontrar o londrino, com sua maneira particular de conversar e de enxergar o mundo. Gosto de perceber que estou em outro país, convivendo com pessoas que possuem referências diferentes das minhas. Se tudo começa a oferecer a mesma experiência, qual é, afinal, a graça de atravessar o Atlântico?

A globalização nos proporcionou conquistas que seriam impensáveis há poucas décadas. Trabalho diariamente com pessoas de diferentes países, em um ambiente no qual essa integração é indispensável. Seria uma contradição da minha parte ignorar seus benefícios. Mas tenho a impressão de que passamos a confundir a abertura para o mundo com a necessidade de nos tornarmos iguais. Aos poucos, a integração vai dando lugar à uniformização. E é aí que reside o problema.

Estou falando da diluição progressiva dos traços culturais que tornam cada povo reconhecível.

A identidade cultural de um povo não desaparece de uma hora para outra. Vai sendo diluída aos poucos. Os hábitos locais passam a ser vistos como ultrapassados. O sotaque, muitas vezes, torna-se algo a corrigir. E aquilo que antes era motivo de orgulho regional começa a ser discretamente abandonado em nome de uma suposta sofisticação.

O fenômeno me lembra o que vem acontecendo com os procedimentos estéticos. Não tenho absolutamente nada contra eles. O que me chama a atenção é observar como uma indústria dedicada à beleza individual acaba produzindo rostos cada vez mais semelhantes. Pessoas que antes possuíam características próprias passam a compartilhar as mesmas proporções faciais, como se houvesse um padrão internacional de beleza ao qual todos devessem aspirar.

Estamos fazendo com a cultura algo parecido com o que a estética faz com os rostos. Estamos diante de um novo fator cultural, a harmonização cultural, risos. E talvez estejamos fazendo a mesma coisa com a nossa maneira de escrever e de nos comunicarmos.

A IA é uma ferramenta extraordinária. Eu reconheço seu valor. Entretanto, basta passar alguns minutos lendo publicações profissionais e redes sociais para perceber como os textos estão ficando parecidos. Há uma organização excessivamente previsível das ideias, uma preferência quase obsessiva por parágrafos curtos e aquela mania de agrupar tudo em três elementos, como se qualquer pensamento precisasse obedecer a uma fórmula para parecer inteligente. Falta-lhes, muitas vezes, justamente aquilo que nos faria reconhecer quem os escreveu.

Há uma neutralidade excessiva tomando conta da comunicação. Falta personalidade. Parece que ninguém mais quer correr o risco de ter um estilo próprio, de fazer uma observação inesperada ou de escrever por si só. Estamos perdendo a espontaneidade humana. E, com ela, boa parte da graça.

O problema não está na ferramenta, assim como não está na globalização ou nos procedimentos estéticos. Está na disposição de terceirizar aquilo que deveria permanecer essencialmente nosso. Há algo de profundamente monótono nessa harmonização cultural. Talvez seja por isso que eu tenha passado a valorizar ainda mais as minhas origens.

Sou cearense. Gosto de uma boa cachaça, gosto de praia, gosto da nossa maneira de conversar e de enxergar a vida. Tenho orgulho das minhas origens e não vejo contradição alguma entre cultivá-las e participar de um ambiente profissional internacional. Não preciso me tornar culturalmente neutro para ser cosmopolita.

Aliás, me recuso a acreditar que ser cosmopolita exija abandonar particularidades regionais para adotar uma espécie de personalidade internacional, socialmente aceitável em qualquer lugar, mas verdadeiramente pertencente a lugar nenhum.

É perfeitamente possível ser regional com elegância. Não há necessidade de reproduzir estereótipos ou transformar nossas origens em uma apresentação folclórica. A identidade de uma pessoa é muito mais profunda do que aquilo que ela veste ou a maneira como pronuncia determinadas palavras.

E quanto mais conheço outras culturas, mais interessante me parece preservar a minha.

Há um prazer particular em conversar com alguém que enxerga o mundo a partir de referências distintas das nossas. É justamente essa diferença que torna uma viagem enriquecedora. Se todos pensassem da mesma maneira e compartilhassem exatamente os mesmos costumes, perderíamos boa parte do interesse em conhecer outros lugares.

Por isso, tenho simpatia pela ideia de uma globalização regional. Uma integração internacional que não exija o desaparecimento das identidades locais e que permita a cada sociedade participar do mundo sem precisar abandonar aquilo que a torna particular.

Evidentemente, nenhuma cultura deve permanecer congelada no tempo. O intercâmbio entre os povos sempre produziu transformações extraordinárias. A própria identidade brasileira resulta de séculos de encontros culturais. O que me preocupa é a velocidade com que estamos substituindo essas particularidades por referências cada vez mais homogêneas, muitas vezes sem sequer perceber o que estamos deixando para trás.

Não sei se caminhamos para um mundo de pessoas idênticas, mas tenho a impressão de que estamos perigosamente confortáveis com essa possibilidade. Acredito que no futuro, a capacidade de preservar uma identidade própria será cada vez mais valorizada. Em um ambiente no qual tantas pessoas se esforçam para corresponder às mesmas expectativas, aqueles que mantêm sua autenticidade acabaram despertando interesse quase naturalmente.

A realidade é que a elegância está muito mais na autenticidade do que na tentativa permanente de corresponder a um padrão. É continuar sendo quem somos.

Afinal, em um mundo onde todos parecem cada vez mais iguais, preservar a própria identidade talvez seja a forma mais elegante de se distinguir

(*) Advogado especialista em logística, direito marítimo e comércio exterior.

Estados Unidos revogam mais de 300 mil vistos e acendem alerta para brasileiros

Em pouco mais de dois meses, total passou de 175 mil para mais de 300 mil; cancelamento pode impedir a entrada no país e exige atenção antes de viagens internacionais

Os Estados Unidos já revogaram mais de 300 mil vistos desde o início do segundo mandato do presidente Donald Trump, em janeiro de 2025. O novo número foi divulgado pelo Departamento de Estado norte-americano nesta terça-feira, 20 de outubro, e mostra uma forte aceleração na revisão de documentos já concedidos.



1001geca_CANVA

Em 10 de agosto, o governo havia informado a revogação de mais de 175 mil vistos. Isso significa que, em pouco mais de dois meses, ao menos 125 mil novos cancelamentos foram registrados.

Segundo o porta-voz do Departamento de Estado, Tommy Pigott, o governo mantém uma política de tolerância zero com estrangeiros que infringem a lei, cometem fraude ou representam risco à segurança nacional.

Revogação do visto não é o mesmo que perda da condição migratória

O visto é o documento utilizado para solicitar a entrada nos Estados Unidos. Já a permanência de um estrangeiro dentro do país depende da condição migratória concedida pelas autoridades norte-americanas e do período autorizado no registro de entrada.

Por isso, a revogação pode produzir efeitos diferentes conforme a pessoa esteja dentro ou fora dos Estados Unidos, o tipo de visto utilizado e as circunstâncias do caso. Para quem está fora do território norte-americano, o cancelamento pode impedir o embarque ou a admissão no país. Para quem já está nos Estados Unidos, é necessário analisar separadamente se a condição migratória permanece válida e se existe algum procedimento adicional em curso.

"A revogação de um visto é uma medida séria, mas seus efeitos não são idênticos em todos os casos. É preciso verificar onde a pessoa está, qual era a categoria do visto, a condição migratória atual e o fundamento utilizado pelo governo antes de definir qualquer providência", explica o Dr. Vinícius Bicalho, advogado licenciado no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos, CEO da Bicalho Consultoria Legal e professor de pós-graduação em Direito Migratório.

Governo pode reavaliar vistos já concedidos

A emissão do visto não impede que o governo norte-americano volte a analisar o titular posteriormente. Novas informações, inconsistências ou mudanças identificadas depois da concessão podem provocar a revisão de um documento ainda dentro do prazo de validade.

O governo Trump também ampliou a verificação da presença digital de imigrantes e solicitantes de visto, incluindo a análise de redes sociais em diferentes categorias migratórias. A medida faz parte do reforço dos procedimentos de triagem anunciado pelo Departamento de Estado.

Para Bicalho, a fiscalização reforça a necessidade de coerência entre as informações fornecidas às autoridades e a finalidade da viagem ou da permanência nos Estados Unidos.

"Ter um visto dentro do prazo de validade não representa uma garantia absoluta de entrada. A decisão final é tomada na chegada, e o documento também pode ser revisto antes disso. O planejamento migratório precisa continuar mesmo depois da aprovação", afirma.

Titular nem sempre é avisado antecipadamente

Conforme as circunstâncias, a comunicação sobre a revogação pode ocorrer por mensagem do consulado ou da embaixada, durante a análise de um novo pedido ou em outro contato com as autoridades. Também há situações em que o problema se torna evidente somente quando o titular tenta viajar novamente.

O número impresso no passaporte, portanto, não deve ser a única referência. Quem recebeu alguma comunicação oficial, teve problemas relacionados à condição migratória, permaneceu além do período autorizado ou passou por algum fato relevante desde a emissão do visto precisa confirmar sua situação antes de organizar uma viagem.

Cuidados para brasileiros com visto americano

Antes de embarcar ou tomar qualquer decisão migratória, é recomendável:

- conferir a validade do visto e do passaporte;
- verificar se, em viagens anteriores, permaneceu dentro do período autorizado no registro I-94;
- revisar mensagens enviadas pelo consulado, pela embaixada ou por órgãos migratórios;
- confirmar se houve permanência além do prazo, prisão, acusação criminal ou outro fato relevante;
- evitar comprar passagens ou assumir compromissos sem esclarecer eventuais dúvidas sobre o documento;
- buscar uma análise individual quando houver comunicação de revogação ou risco de impedimento de entrada.

"Esse cenário não significa que todo titular de visto esteja sob risco imediato. A resposta correta não é o pânico, mas a conferência objetiva dos documentos, do histórico migratório e de eventuais comunicações oficiais. Com informação e orientação adequada, é possível identificar riscos antes que eles se transformem em problemas maiores", conclui o Dr. Vinícius Bicalho.

O avanço das revogações sinaliza uma fiscalização mais rigorosa não apenas sobre novos pedidos, mas também sobre documentos anteriormente aprovados. Para brasileiros que estudam, trabalham, mantêm negócios ou visitam familiares nos Estados Unidos, a recomendação é não tratar o visto como uma autorização definitiva e manter o planejamento migratório atualizado.

Novas regras em debate reforçam profissionalização do setor de locação residencial

Caio Lessa (*)

O mercado brasileiro de locação residencial acompanha a tramitação de propostas legislativas que buscam modernizar e consolidar práticas já adotadas no setor. Embora a Lei do Inquilinato continue sendo o principal marco regulatório das relações entre locadores e locatários, iniciativas em discussão no Congresso Nacional indicam uma tendência de aperfeiçoamento dos mecanismos de garantia, cobrança e formalização dos contratos de aluguel.

Para especialistas, as propostas não representam uma ruptura com o modelo atualmente vigente, mas sim uma tentativa de conferir maior segurança jurídica e eficiência a instrumentos que já fazem parte da dinâmica do mercado imobiliário.

Os projetos em discussão não alteram os pilares da Lei do Inquilinato. O que se observa é um movimento de aprimoramento da legislação para refletir práticas já consolidadas no mercado e oferecer mais previsibilidade para proprietários e inquilinos.

Um dos temas que vem ganhando destaque é a proposta do chamado aluguel consignado, aprovada pela Câmara dos Deputados e atualmente submetida à análise do Senado. A medida prevê a possibilidade de desconto do aluguel diretamente na folha de pagamento do locatário, respeitados os limites legais de comprometimento de renda.

Se aprovada, a modalidade passará a integrar o conjunto de garantias locatícias já existentes, ao lado de instrumentos como fiador, caução e seguro-fiança. A expectativa é que o modelo contribua para reduzir riscos de inadimplência, ampliar o acesso à locação e oferecer maior segurança às partes envolvidas na contratação.

A evolução do setor passa pela profissionalização crescente das relações locatícias. O mercado de locação tem se tornado cada vez mais sofisticado, exigindo mecanismos que conciliem proteção patrimonial, segurança jurídica e facilidade de contratação. As discussões legislativas caminham justamente no sentido de consolidar e aprimorar essas práticas.

A avaliação que vejo entre os especialistas é que as propostas em tramitação refletem a maturidade do mercado imobiliário brasileiro, especialmente diante do crescimento dos modelos profissionais de locação residencial e da necessidade de instrumentos mais adequados às novas formas de moradia e gestão patrimonial.

Assim, mais do que promover mudanças radicais, os projetos buscam modernizar e atualizar a legislação para acompanhar a evolução das relações contratuais e conferir maior segurança a proprietários e locatários.

(*) Diretor Jurídico da Vila 11.